



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **CRIANÇAS PEQUENAS, ESPAÇO E INFÂNCIA**

Ana Lúcia Castilhano de Araújo\*  
(UESB)

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta alguns dados sobre as relações da criança pequena com o espaço doméstico a partir de uma leitura da sociologia da infância. Partindo de uma pesquisa sobre crianças de 0 a 4 anos que não freqüentavam a educação infantil, temos como objetivos discutir algumas diferenças entre a experiência infantil com o espaço público da creche e o espaço privado de suas residências. Além disso, pretendemos discutir as relações entre a infância e o espaço vivenciado pela criança pequena em seu ambiente familiar. A metodologia da pesquisa contou com observação participante e os resultados mostraram uma situação na qual a criança pequena configura como participante ativa em seu ambiente social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância; Espaço; Sociologia da infância.

#### **INTRODUÇÃO**

A discussão atual sobre infância e espaço tem mostrado uma preocupação com a ampliação dos estudos sobre a criança, no sentido de ultrapassar a escola como temática fundamental historicamente associada a esta categoria. Assim, faz-se necessário apresentar outros contextos de vida que possam mostrar aspectos diferentes da infância para além das instituições educacionais.

A partir de um estudo realizado na cidade de Vitória da Conquista com crianças pequenas que não freqüentavam a Educação Infantil, levantamos alguns

---

\*Doutora pela Universidade Federal de São Carlos; professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

dados significativos sobre as relações destas crianças com o espaço. Os participantes da pesquisa foram selecionados em uma comunidade ocupada por trabalhadores rurais no bairro do Candeias. A partir de um contato anterior, as famílias que se dispunham a participar eram incluídas em um cronograma de visitas, nas quais suas crianças eram observadas. Para fins de registro destas observações, foram utilizadas câmeras digitais para fotografar e filmar as crianças em sua relação com o espaço doméstico.

Estudos realizados a partir desta temática podem discutir, tanto aspectos da psicologia, considerando a percepção e as relações afetivas da criança com o seu meio familiar e geográfico, como aspectos referentes ao campo de discussão da própria infância como objeto de estudo independente de outras categorias científicas. Este último aspecto é levantado pela sociologia da infância em sua proposta de estudar a criança e suas infâncias considerando-os como objetos com valor científico em si mesmos. A isto se soma a carência de pesquisas no Brasil que levantem informações sobre a infância fora da escola, especialmente no contexto da criança pequena. Nos últimos dez anos há um interesse crescente por parte da sociologia no campo da infância. Parte desta sociologia tem se ocupado especialmente da criança pequena.

No entendimento de Eric Plaisance (2004, p.3), a sociologia da pequena infância deve ser analisada como uma sociologia da socialização. Esta é marcada pela ação do adulto, seja na perspectiva da organização do espaço comum (espaço de convivência de adultos e crianças), seja na imposição de uma determinada disciplina infantil. É no âmbito dessa discussão que analisamos os dados da pesquisa realizada, considerando o espaço como um agente de socialização na medida em que, sofrendo a ação humana, ele é modificado ganhando sentidos que afetam e orientam a percepção e a constituição afetiva das pessoas.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A criança pequena que não frequenta a Educação Infantil ocupa um espaço privado, familiar, onde se organizam seus primeiros contatos com pessoas e lugares. Estamos considerando que a socialização da criança não se dá apenas no âmbito do contato e aprendizagens com as pessoas à sua volta, mas também por meio das relações da criança com o seu espaço e objetos, isto é, com a formação de um lugar.

Grande parte da socialização da criança pequena, ou socialização primária, se dá em ambientes privados, familiares. Os ambientes familiares ainda são pontos nebulosos das vidas das crianças sobre os quais os pesquisadores precisam se debruçar a fim de compreender as interações e os diversos contextos nos quais elas vivem, contextos estes em que podemos capturar as sutilezas da compreensão social. (CORSARO, 2005). São estas sutilezas que fazem a particularidade das infâncias das crianças, fazendo com que cada uma seja única, repleta de sentidos e possibilidades de interpretação da realidade.

A partir de estudos sobre os espaços escolares (ESCOLANO E VIÑAO, 1998, FARIA FILHO E VIDAL, 2000), pesquisadores no Brasil e exterior vêm estabelecendo um campo de pesquisa sobre aspectos que ultrapassam a prática pedagógica existente em sala de aula, passando a considerar o espaço como categoria de estudo também na pesquisa sobre infância e educação infantil. Considerando o valor desses estudos, entretanto, ressaltamos a igual importância de investigar o espaço da criança fora das instituições de educação, especialmente no caso das crianças pequenas, submetidas a um controle familiar acirrado e a um espaço de convivência social limitado, em comparação com as crianças mais velhas (com idade acima dos 10 anos).

A vivência da criança pequena é diferente quando se trata de espaços públicos ou privados. Conforme já dissemos anteriormente, o repertório de socialização das crianças de 0 a 6 anos limita-se a espaços familiares e da instituição de educação infantil (quando a criança a frequenta). Podemos dizer que, dos espaços públicos



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

freqüentados pela criança pequena, a creche é o mais significativo e o mais comum. E estes espaços possuem uma série de especificações a serem seguidas, no sentido de proporcionar aos pequenos o melhor ambiente para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Na verdade, trata-se da criação de um ambiente científico, que deveria auxiliar um trabalho pedagógico e político de formar pessoas desde muito cedo. Apesar da existência desse conhecimento a respeito da melhor maneira de se organizar os espaços infantis, devemos salientar que tais especificações geralmente não são cumpridas. Neste caso, as creches, especialmente as públicas, funcionam em um sistema emergencial e contingencial, no qual a principal preocupação é o atendimento à demanda, e não a observação à criação de um ambiente com correção pedagógica.

Como nos aponta Dahlberg, Pence e Moss (2003, p.111),

O benefício de freqüentar uma instituição dedicada à primeira infância vem do fato de ela não ser um lar. Ela oferece alguma coisa bem diferente, mas bastante complementar, de tal forma que a criança obtenha, por assim dizer, o melhor dos dois ambientes.

De acordo com a realidade das crianças pesquisadas, o que pode ser considerado como o melhor do ambiente doméstico? Se Dahlberg, Pence e Moss (2003) argumentam, no trecho citado, sobre o que consideram “o melhor da instituição de Educação Infantil, o que poderíamos considerar no caso das residências infantis? Por um lado, a intimidade do ambiente familiar bem aproveitada como experiência que complementa o contato com um espaço público onde a criança pode vivenciar intimidade e aconchego. Por outro lado, a experiência com um tempo não institucionalizado e, portanto, diferenciado pode contribuir para a vivência de uma realidade na qual esse tempo controlado estaria associado à creche ou instituição escolar e não a todos os campos da vida humana.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

No caso do espaço familiar, regras diferentes estão presentes. Não havendo regulamentação ou manuais a serem seguidos, observa-se os ambientes domésticos dentro do contexto cultural ao qual a família pertence. Esta temática traz uma riqueza ainda pouco explorada pela pesquisa com crianças pequenas.

Para realizar uma discussão acerca do espaço interno da criança, antes de qualquer coisa, teremos que lembrar que estamos considerando o espaço como uma construção conjunta de um grupo social e que envolve, em seu domínio, os objetos e pessoas, constituindo o que se chama de lugar.

A construção das casas da comunidade, a disposição dos móveis e demais objetos no espaço interno das residências são atribuições dos adultos, como se fosse uma preparação para a incorporação dessa habitação, da ação simbólica que transforma esse ambiente em espaço humano. Além dessa, podemos considerar como atribuição do adulto o controle da criança no espaço, não como algo que ele “deve fazer”, mas como algo que se constata nas relações entre adultos e crianças, inclusive sob o argumento da segurança infantil.

Talvez possamos dizer que, neste processo de uso do espaço e constituição de um lugar, o adulto “monta” um cenário, e a criança “atua” nele, havendo, nesta atuação, componentes pré-estabelecidos, ordenados pelos adultos, assim como componentes de intervenção e alteração promovidos pela criança. Isso pode acontecer de comum acordo ou em situações de disputa e enfrentamentos.

De acordo com os dados observados nas famílias estudadas, as crianças ocupam o espaço por duas frentes: pelo movimento, e pela disposição dos objetos. Ocupando o espaço pelo movimento, a criança transita por ele de um modo particular que, para as pessoas adultas, parece sem objetivos, de um lado para o outro, ora correndo, ora andando. Quando ocupa o espaço pela disposição dos objetos, a criança pode manusear aqueles que pertencem aos adultos, tirando-os do lugar, inventando



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

brincadeiras com eles (tampas de painéis, ferramentas dos pais, vasilhas de cozinha); e pode marcar o lugar com seus próprios objetos, os brinquedos. Esta ação da criança sobre o espaço vai influenciar a sua transformação em um lugar, mostrando um contexto simbólico no qual podem existir elementos de socialização e cultura, infantil (sob a forma de dados da realidade interpretados por ela) e geral, ou o contexto cultural mais amplo em que seus pais se orientam e dão sentido ao mundo.

As crianças da comunidade do Alto da Boa Vista podiam explorar todos os espaços internos da casa, quanto a isso não foi constatada restrição. As principais restrições foram relativas às saídas para o ambiente externo e no uso de objetos considerados inapropriados.

Os pontos de acordo e de conflito entre adultos e crianças são um tema que pode enriquecer o conhecimento sobre as interações sociais das crianças em seu ambiente familiar, especialmente no que se refere aos brinquedos e demais objetos de uso determinado culturalmente para cada um desses grupos. Esta dinâmica social entre adultos e crianças pode se dar por meio de acordos entre avanços e recuos da criança, na medida em que ela atende às solicitações do adulto, ou à medida que o adulto se dispõe a ceder a alguma necessidade ou vontade infantil. A contenção da criança pequena no uso de objetos considerados perigosos ou frágeis (que correm o risco de ser danificados por uso incorreto) parece ser mais acirrada do que aquela voltada para as crianças mais velhas. A criança pequena não demonstra muita inibição na manipulação de objetos, ou talvez não tanto quanto os adultos gostariam.

Para uma pesquisa sobre o espaço doméstico, ou privado, da criança pequena, um dos primeiros pontos a se observar pode ser o espaço externo de sua residência que configura como um contexto espacial onde a família reside e a criança vivencia suas primeiras experiências perceptivas e sociais. Assim, se as áreas externas oferecem uma determinada paisagem compartilhada por todos, as diferenças



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

começam a aparecer no aspecto exterior das casas. Há casas com varandas e muros, plantas e jardins, cujas portas saem diretamente para a rua, e outras limitadas por cercas e “mata-burros” (como o que podia ser visto em algumas casas substituindo o portão).

Enquanto o espaço das creches necessita de planejamento quanto à segurança infantil e à organização de atividades baseadas em uma pedagogia intencional, o espaço familiar mostra uma junção de necessidades das pessoas que ali residem, e, em relação às crianças, nota-se uma preocupação dos adultos em lhes assegurar um ambiente seguro. Na comunidade, não podemos desconsiderar que, quanto à organização dos espaços, há influência, também, da questão financeira, que vai determinar a compra de móveis e demais objetos que compõem o lugar de convivência da criança, tal como comentado anteriormente a respeito dos brinquedos.

A cultura rural da comunidade nos mostra alguns aspectos compartilhados por todas as famílias. Algumas são originárias do estado de Minas Gerais, outras da Bahia, mas o aspecto semelhante das casas, que podemos observar pelas fotos, e da organização espacial interna das residências mostra a interação entre eles. Nas áreas externas, as crianças compartilham um lugar semelhante: uma paisagem de aspecto rural, com a presença de animais, como cavalos e cães, carroças, cercas e mato. Esta paisagem, criada por esta comunidade desempenha um papel na composição de uma rede cultural que, incorporando o espaço, passa a se constituir como um lugar “onde as crianças podem viver suas infâncias e construir suas territorialidades” (LOPES & VASCONCELOS, 2006, p.117).

Na comunidade investigada neste estudo, observou-se um comportamento comum às crianças estudadas que se deslocavam entre o interior e o exterior de suas casas em um movimento circular. O fato de que os quintais das casas eram



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

interligados possibilitava aos pequenos o trânsito entre os quintais da mesma forma: entrando por um lado e saindo do outro, entrando pela porta de suas casas e saindo pela porta da casa do vizinho.

Neste tipo de atividade infantil, a única limitação que pôde ser observada imposta pelos adultos foi a ordem constante para que as crianças não ultrapassassem o portão indo para a rua. Fora isso, era comum ver os adultos conversando enquanto as crianças desapareciam de sua visão tornando a surgir em outro ponto a uma ou duas casas de distância. A forma segundo a qual as famílias limitavam o trânsito das crianças aliada a um intenso trânsito social de vizinhos e parentes foi uma característica notada na comunidade investigada.

Observamos como as crianças pequenas da comunidade do Alto da Boa Vista dispunham de seu espaço de duas maneiras: por meio do seu movimento, transitando pelos lugares, cômodos da casa, atraindo a atenção dos adultos, mexendo nas coisas (“malinando”, na linguagem regional); e espalhando seus brinquedos pelo espaço compartilhado com os adultos.

O que se observa de comum nas vidas das crianças visitadas é o uso dos espaços interno e externo de forma lúdica. Isto quer dizer que elas ocupam o espaço à sua maneira, preferencialmente por meio de brincadeiras, de forma que, estar em um lugar fisicamente, pode não corresponder ao mesmo lugar criado na imaginação delas. De acordo com Manuel Sarmiento (2006, p.16), “o imaginário infantil é um fator de conhecimento e não uma incapacidade, uma marca de imaturidade ou um erro.”. O jogo simbólico faz parte dos recursos disponíveis das crianças para lidar com a realidade, podendo apresentar um caráter lúdico, de divertimento, ou de elaboração e experimentação das várias possibilidades existentes no seu contexto social ou imaginário. Assim,





ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

As crianças desenvolvem a sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo que as situações que imaginam lhes permitem compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem como experiência vivida e interpretada (SARMENTO, 2006, p. 14).

A ludicidade como comportamento recorrente na criança não seria algo incomum, uma vez que pode ser considerada como uma particularidade infantil, entendida por Manuel Sarmiento (2004, p.26) como um dos eixos estruturadores da infância. Para o autor, “As crianças brincam contínua e abnegadamente. Contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério”.

Assim, a criança, deslocando-se no espaço, ocupa-se de uma realidade física e, ao mesmo tempo, social. Parte de sua atividade se liga ao conhecimento de seu corpo no espaço no qual ela pode tentar ir de um ponto a outro mais depressa, mais devagar, considerando como referência algo que sua mãe faça, ou o tempo de uma música.

No caso da criança pequena, podemos observar uma associação entre a organização do espaço e o controle exercido pelos pais. Este controle se dá, por um lado, como modo de prover as crianças de cuidados rotineiros como alimentação, práticas de higiene e garantia de segurança. Mas por outro lado, mostra aspectos mais sutis do trato com crianças, como o modo como a família entende a função dos pais, e o modelo de criança existente naquele grupo social. Um exemplo desta segunda situação pode ser observado, por exemplo, no fato da família aceitar o não a interferência da criança nas conversas dos adultos, praticamente inexistente até meados do século XX na maioria das sociedades.

As representações que a família tem da infância fazem diferença no modo como os pais exercem autoridade sobre os filhos. De acordo com Cléopatre



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Montandon (2005, p.491), seria “um erro pensar que nas sociedades ocidentais todos os pais têm as mesmas representações ou que as interpretam do mesmo modo no plano das práticas”.

Entretanto, diante de toda essa construção social em torno da infância, torna-se importante “observar os limites dos corpos das crianças e como eles são vivenciados, construídos e mudados pelas interpretações e traduções dos adultos, das crianças, da natureza e da tecnologia”. (JAMES, JENKS & PROUT, 1999, p.235).

O controle do espaço de circulação infantil é maior quanto menor a criança. Isto não é difícil de concluir, em função, inclusive, da situação de dependência da criança pequena do adulto, o que gera a necessidade de proximidade constante entre ambos. Mas podemos observar os diversos modos como isto pode ser posto em execução pelo adulto, e alterado pela criança, por meio das várias formas de reação e relacionamento possíveis.

Os brinquedos são objetos que guardam especificidades que os tornam relevantes para o estudo e a compreensão da infância e dos mundos das crianças. Talvez seja possível afirmar que a principal especificidade dos brinquedos seja o seu caráter de objetos peculiares da infância. Há uma face cultural do brinquedo ainda pouco explorada pelos pesquisadores da infância, uma vez que grande parte da produção sobre o assunto se concentra na educação, tratando o brinquedo como aporte pedagógico por meio do qual se equaliza uma linguagem apropriada para a infância. A própria discussão sobre o processo de construção de uma cultura infantil pode se amparar na identificação das relações da criança com o brinquedo não só como forma de expressão importante, mas como possibilidade de construção da realidade.

Há diversas possibilidades de se considerar o brincar das quais destacamos a definição de Brougère (1998, p.105), que admite como ponto definidor do brincar o



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

seu significado social. Nestes termos, o brincar se torna “uma atividade dotada de significação social” que é adquirida, aprendida no meio social. Manuela Ferreira (2004, p.83) considera o brincar como “sinônimo de socialização das crianças no mundo adulto”, preparando-as para a vida por meio da incorporação antecipada de papéis sociais.

Raramente, ao chegar às casas das crianças, havia brinquedos, seja no chão, sobre os móveis ou com a própria criança. Ainda que algumas visitas tenham sido agendadas, podendo ter gerado nas famílias uma preocupação com a arrumação da casa, não acreditamos que este possa ser considerado o principal fator motivador da ausência de brinquedos à vista. Diante dessa situação, o que poderia ser uma observação direta da criança em contato com seus brinquedos, acabou se tornando uma conversa com o adulto sobre o assunto.

Nesta pesquisa, os brinquedos estiveram sob o controle dos adultos não só pelo fato de serem eles a responder quando perguntamos sobre a brincadeira infantil e a existência de objetos específicos para ela, mas pela quase ausência de brinquedos nas casas em todo o período de observação.

Por se tratarem de crianças pequenas confinadas em suas casas, não houve registro de manipulação de objetos exteriores (pedras, paus, terra, e outros materiais) na preparação de uma brincadeira. Não estamos afirmando que tal atividade não acontece no meio destas crianças, mas consideramos que, de fato, sua incidência não parece ser muito alta nesta comunidade e, possivelmente, nem com crianças nesta faixa etária.

Algumas famílias mostraram uma preocupação com a conservação do brinquedo que, por vezes, criava uma proibição ou um limite à sua utilização por parte da criança. Como um objeto cultural, o brinquedo é um bem, um luxo, que, em certa medida, a criança tenta destruir (isso está expresso na fala de muitas mães),



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

cabendo aos adultos o esforço para conservá-lo. O brinquedo, então, se torna um bem cuja utilidade não é divertir a criança, ou ser usado por ela, mas se aproxima do que seria uma função de status. É possível que estes objetos usados como enfeites nos quartos dêem status na medida em que, sendo mostrados a outras pessoas, podem transmitir um significado de posse de algo importante, valioso.

Beatriz Pereira e Carlos Neto (1997) verificaram atitudes semelhantes em pais portugueses, que privilegiaram o uso de brinquedos simbólicos<sup>516</sup> com a dupla função de brinquedo e decoração para suas residências. Para os autores, estas práticas de controle sobre o brinquedo podem representar os sonhos de infância dos pais que, oriundos de grupos sociais menos favorecidos, não os tiveram quando crianças. Diante disso, os adultos assumem uma postura de guarda do brinquedo que impede a criança de usufruir dele. Uma consequência destacada dessa atitude dos pais seria o número reduzido de práticas e preferências lúdicas das crianças, especialmente as pequenas (PEREIRA & NETO, 1997, p.244). A pouca intimidade da criança pequena com o brinquedo teria relação com o fato de brincarem pouco, ou não saberem brincar, como atestam os pais ao compararem as atividades lúdicas de seus filhos com as suas quando crianças.

### CONCLUSÕES

O objeto infância, ainda que tenha se estabelecido em bases estreitas ao longo dos últimos quatro séculos, se insere em novos campos a partir de novas perspectivas. Nosso objetivo de pesquisar a criança pequena que não frequenta a Educação Infantil ganhou contornos que apontaram para uma intrincada teia de

---

<sup>516</sup> Os autores consideram brinquedos simbólicos as bonecas, carrinhos, cozinhas, ferramentas, etc.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

relações com o espaço – composto por fatores sociais e familiares – no qual a criança se insere.

Como vimos, a produção científica sobre as relações entre adultos e crianças em torno do espaço pode se estender para além do ambiente escolar, na medida em que os pesquisadores se voltarem para desenvolver estudos sobre a casa e outros lugares onde a criança pequena vive.

Podemos, a princípio, atribuir aos adultos um controle total do espaço, em razão dos tipos de ação que eles costumam implementar – construindo, arrumando, limpando, devolvendo os objetos utilizados ao seu lugar. Entretanto, olhando um pouco mais de perto, percebemos, por meio da dinâmica familiar, a interferência da ação da criança que, a partir de recursos próprios, estabelece o seu controle nos nichos deixados pelo adulto. Podemos, então, perceber o controle do adulto sobre os espaços como direto, incisivo, vertical; o da criança parece ser indireto, transversal, passando pelo espaço adulto, até deixá-lo imbricado de características infantis. Esses sinais podem ser vistos como a “bagunça” deixada pelas crianças (brinquedos espalhados, pedaços de papel, sucatas e outros objetos) e passam constantemente pela arrumação dos ambientes domésticos.

Se o ambiente escolar tem sido sistematicamente investigado para se chegar a compreender, não apenas o processo pedagógico, mas também a criança em meio ao espaço educacional, o ambiente doméstico da criança tem sido negligenciado como campo de estudos para se compreender a educação de forma mais ampla. Ainda considerando este raciocínio, o ambiente familiar da criança deve ser considerado para ampliar o conhecimento desenvolvido pela psicologia, por exemplo, que tem se ocupado de aspectos infantis ligados ao desenvolvimento de características normais ou patológicas. A sociologia da infância pode colaborar com um olhar diferenciado deste modelo.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### REFERÊNCIAS

- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 2ª Edição. Revisão téc. e adaptação Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez. 1997.
- CORSARO, William. **The Sociology of Childhood**. 2<sup>nd</sup> ed. (Sociology of a new century). California: Pine Forge Press. USA. 2005.
- DAHLBERG, Gunilla, MOSS, Peter, PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: ARTMED, 2003.
- ESCOLANO, A. e VIÑAO FRAGO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A. 1998.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. maio/ jun/ jul/ ago, 2000. pp. 19-34.
- FERREIRA, Manuela. Do “avesso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da ordem social instituinte das crianças no Jardim da Infância. In: Sarmento, Manuel e Cerisara, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições Asa. 2004. pp.55-104.
- JAMES, Allison, JENKS, Chris, PROUT, Allan. O corpo e a infância. In: Kohan, Walter Omar e Kennedy, David.(orgs.). **Filosofia e infância - possibilidades de um encontro**. VI.III. Petrópolis: Vozes. 1999. pp. 207-238.
- LOPES, Jader Janer Moreira, VASCONCELOS, Tânia. Geografias da infância: territorialidades infantis. In: **Currículos sem Fronteiras**, v.6, n. 1, jan/jun 2006. pp. 103-127.
- MONTANDON, Cléopâtre. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação e Sociedade**. Campinas-SP, vol.26, nº 91. Maio/Ago 2005, pp. 485-508.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira e NETO, Carlos. A infância e as práticas lúdicas: estudo das atividades de tempos livres nas crianças dos 3 aos 10 anos. Pinto, Manuel e Sarmento, Manuel Jacinto. (coord.) **As crianças: contextos e identidades**. Universidade do Minho: Centro de Estudos da Criança. 1997. pp. 219- 265.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. **Cadernos de Estudos Educação e Sociedade**. Trad. Alain François. Vol. 25, nº 86. Abril 2004. Campinas: CEDES, pp. 1-21.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Disponível em <http://old.iec.uminho.pt/promato/textos>. Acesso em 03 de maio de 2006.